

Bienal do Mercosul reflete sobre miscigenação e migrações entre América, África e Europa

Luciana Vicente e Adriana Androvandi

07/04/2018

Edição dá destaque a cultura africana



Bienal do Mercosul destaca cultura africana | Foto: Guilherme Testa

Promover uma reflexão sobre a miscigenação, fluxos migratórios e o trânsito de religiões, idiomas, tecnologias e artes, que são e foram estabelecidas por meio das conexões existentes há mais de cinco séculos entre a América, África e Europa, é o que a Bienal de Artes Visuais do Mercosul propõe para o público visitante.

Chamada de “O Triângulo Atlântico”, a exposição apresenta 77 artistas, sendo 21 da África, 19 do Brasil, 20 da América Latina, 11 da Europa e seis da América do Norte, além de ações pontuais realizadas em comunidades remanescentes de quilombos localizados em Porto Alegre e Pelotas. Até dia 3 de junho, as obras poderão ser conferidas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Memorial do RS, Santander Cultural, Praça da Alfândega, e Igreja Nossa Senhora das Dores.

Os artistas e seus trabalhos exploram as relações culturais oriundas das relações desta triangulação, permeadas pelas águas atlânticas, suas tensões, forças e demandas. Sob curadoria do alemão Alfons Hug e da paulista Paula Borghi, é dado destaque para o encontro entre a arte africana e afro-brasileira, as culturas indígena e europeia. O presidente da Fundação Bienal do Mercosul, Gilberto Schwartzmann, salienta que esta edição busca suscitar questões como “quem somos nós? e que matriz é a nossa?” e, ao mesmo tempo, pretende promover a aceitação pacífica do que é diferente.

O curador Alfons Hug diz que este triângulo é um depósito de memórias e que o Atlântico é testemunha de movimentos migratórios, normalmente forçados, como o dos escravos da África para outros continentes e dos europeus pobres para a América do Norte, também em um regime de semiescravidão. “A Bienal faz uma reflexão sobre o quanto o êxodo do

Atlântico Negro alimentou um vigoroso processo de criouliização, que levou a um intenso trânsito de religiões, idiomas, tecnologias, artes e culturas”, salienta.

Em Pelotas, na Casa 6, o que pode ser conferido é resultado de residência de um mês do artista paulistano Jaime Lauriano na comunidade quilombola chamada Vó Elvira, na zona rural pelotense. São desenhos, fotografias e áudios dos quilombolas, além de peças artesanais produzidas por integrantes dos Quilombos do Algodão e Alto do Caixão. Da mesma forma, em Porto Alegre, no Areal da Baronesa, a brasiliense Camila Soato realizou uma residência e traz como resultado uma coletiva com pinturas criadas pelas moradoras da comunidade.

Outro ponto de destaque da mostra é preocupação de recuperar a língua falada. “Cada língua que desaparece, é como um legado que é apagado”, pontua Hug. O apagamento destas línguas é visto como uma tentativa também de eliminar as culturas nativas. Como uma forma de resistência, a Bienal traz uma instalação de vozes africanas e indígenas.

SANTANDER CULTURAL

(Sete de Setembro, 1028)

Funcionamento: Terças-feiras a sextas-feiras, das 9h às 19h. Sábados, das 10h às 19h, domingo, das 13h às 19h

MEMORIAL DO RS

(Praça da Alfândega, s/n)

Funcionamento: Terças-feiras a domingo e feriados, das 9h às 19h

MUSEU DE ARTE DO RS (MARGS)

(Praça da Alfândega, s/n)

Funcionamento: Terças-feiras a domingos, das 9h às 19h

IGREJA NOSSA SENHORA DAS DORES

(Rua das Andradas, 587)

Terças-feiras a sábados, das 10h às 17h. Domingos, das 13h às 17h (exceto dia 8 de abril)

QUILOMBO DO AREAL DA BARONESA

(Av. Luiz Guararha, 2, Menino Deus)

Transporte do Centro Histórico até o Quilombo do Areal da Baronesa: ônibus 178, saindo do Mercado Público.

EM PELOTAS, NA CASA 6

(Praça Coronel Pedro Osório, 06)

Centro Histórico

Segundas-feiras a sextas-feiras, das 8h às 18h30min



Tuene Egers/Divulgação

Arjan Martins, Painel no Margs Realizado em loco no museu, o artista carioca apresenta um painel cartográfico. Sua obra traz símbolos que estão relacionados com a história do negro e o espaço que ocupa no mundo. Uma pintura que trata da exclusão e da inclusão, do pertencimento e de visibilidade.



Ziyanda Majozi/Divulgação

Ziyanda Majozi/Divulgação

Zanele Muholi, 'Faces and fases' no Memorial RS A série da fotógrafa e ativista sul-africana, realizada em preto e branco, reúne retratos de mulheres da África do Sul que sofreram ataques xenófobos e homofóbicos. São mulheres de várias idades e origens, em um manifesto sobre as semelhanças e diversidades que existem dentro da raça humana.



Guilherme Almeida

Instalação sonora na Igreja das Dores Com curadoria de Alfons Hug e Uche Okpa-Iroha, a instalação ‘Idiomas em Extinção’ traz caixas de som que emitem vozes gravadas de línguas indígenas e nigerianas em extinção. O resultado é uma espécie de murmúrio. Ao se aproximar de cada caixa, o espectador pode ler em um papel o texto, traduzido para o português, do que está sendo dito.



Omar Diop, ‘Liberdade’ no Santander Cultural O artista senegalês se faz presente nas fotos que trazem uma cronologia dos movimentos de afirmação iniciados pela causa da dignidade e liberdade dos negros no mundo. A história de protesto inclui revoltas, marchas pela emancipação e contra movimentos de apartheid ou contra a violência policial